

Repete-se ritual iniciado em 1983

A missão do Fundo Monetário Internacional que desembarca hoje no Brasil vai reabrir um ritual bem conhecido: há quase cinco anos, no dia 11 de

junho de 1983, os técnicos do FMI chegavam pela primeira vez para verificar as contas da economia então comandada pelo triunvirato Delfim Netto, Ernane Galvêas e Carlos Geraldo Langoni. O Brasil acabava de enviar, no início daquele ano, a primeira de uma longa série de cartas de intenção ao FMI, buscando, de todas as formas, financiamentos para sua dívida externa. Da missão de 1983, já participava o economista Thomas Reichman, que hoje chefia a delegação. Mas a figura do FMI que se tornou mais conhecida nacionalmente foi Ana Maria Jul. Hoje, Ana Maria não faz mais parte dos economistas da entidade que acompanham o Brasil. Nem a missão do Fundo é recebida no mesmo ambiente de antigamente.

A renegociação passou por fases conturbadas. Na época de Delfim Netto, os técnicos do FMI tinham acesso aberto aos ministérios para conseguir informações. Afinal, o Fundo tinha uma posição de força em relação ao Brasil: em agosto de 1982, pouco antes da explosão da crise da dívida, Delfim jurava que o Brasil não precisaria renegociá-la. Passadas as eleições de novembro, as portas foram abertas ao FMI, para que o Brasil obtivesse US\$ 4,5 bilhões em três anos.

Mas, para liberar os recursos, era preciso cumprir o programa do

FMI e, portanto, as cartas de intenção. Nenhuma delas foi respeitada na íntegra, e foram sete até 1985, quando a última sequer foi enviada. Era a transição do governo João Figueiredo para o governo que seria de Tancredo Neves e que deveria supostamente trazer outro perfil de renegociação.

A mudança veio mesmo com Dilson Funaro, que rompeu com o FMI e decretou a moratória. O ex-ministro cumpria apenas o artigo 4º do regulamento do Fundo que dispunha sobre uma visita anual de técnicos da entidade para colher dados sobre a economia. Nessa época,

a missão do Fundo foi tratada a pão e água por onde passou. Acabaram as reuniões com altos escalões do governo, o acesso fácil aos ministros e até a notoriedade na imprensa e na opinião pública. Com Bresser Pereira, não foi muito diferente, ainda que o ex-ministro tenha reiniciado formalmente as conversações com o Fundo, com o objetivo de chegar ao acordo que Funaro havia rejeitado. Hoje, a missão do FMI volta, com a economia em recessão e, novamente, com o carisma dos idos de 1983. Afinal, sem acordo com o FMI, a renegociação estará irremediavelmente comprometida. O.U.



Ana Maria Jul, da missão de 1984, desta vez não vem